

POSSE DO MEMBRO TITULAR  
WALTER ARAUJO ZIN  
DISCURSOS

## DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Acadêmico Ricardo José Lopes da Cruz

Exmo Sr Presidente Prof Dr Pietro Novellino,

Exmas Academicas, Exmos Academicos,

Ilustres componentes da Mesa Diretora,

Ilustres convidados

Queridos familiares do Acad Walter Araujo Zin

Sinto-me extremamente feliz por ter sido indicado para saudar o Prof Dr Walter Araujo Zin como o mais novo Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

No Estatuto e Regimento Internodesta Academia lê-se, no inciso III do Art. 7o do Capítulo II, que é dever dos Academicos desempenhar os cargos, funções ou encargos para os quais forem designados.

O encargo de saudar um novel Academico, entretanto, nunca é percebido como um dever, e sim como uma elevada honra, honra esta que hoje foi concedida a mim, motivo pelo qual agradeço ao Presidente desta Casa, Prof Dr Pietro Novellino por este generoso desígnio.

O Acad Walter Araujo Zin irá ocupar a cadeira de número 100da Secção de Ciencias Aplicadas à Medicina, à qual fez jus após campanha realizada com esmero e dedicação.

Esta cadeira, a de número 100, pertenceu recentemente ao saudoso Acad Prof Dr Helion Póvoa Filho e sucede-lo representa, indubitavelmente, uma elevada honra. E a honra, como dizia o frade italiano Tomás de Aquino, é o premio da virtude.

A Academia Nacional de Medicina foi fundada em 1829, e é a mais antiga Instituição científica e cultural do Brasil, reunindo-se semanalmente desde então, com um papel muito importante na política de saúde do país e de educação médica.

Não seria por outro motivo que no artigo primeiro do seu estatuto consta que esta Academia foi fundada "especialmente para responder às perguntas do Governo sobre tudo que interessar à saúde pública e principalmente sobre as epidemias, as moléstias de certos países, as epizootias, os

diferentes casos de Medicina Legal, a propagação da vacina e investigações que puderem concorrer para o progresso da arte de curar”

A honrosa conquista da Cadeira de número 100 da Academia Nacional de Medicina por parte do Prof Dr Walter Araujo Zin, representa uma inquestionável vitória, motivo pelo qual eu gostaria, inicialmente, de refletir com cada um de vocês sobre as vitórias que conquistamos ao longo de nossas vidas.

Muitos indagariam:

“-será que a vida que vale a pena ser vivida é na realidade uma vida de vitórias perseguidas de forma intensa? De forma febril?”.

E, caso isto seja uma verdade, teria esta vitória motivação fútil como a vaidade do homem, por exemplo?

O reconhecimento ao nosso trabalho, Sras e Srs, não é questão de vaidade...

O reconhecimento legítimo ao trabalho do homem é uma questão de justiça

Um homem sonha. Sonha quando criança, sonha quando adolescente, e seus sonhos são acalentados por quem mais nos ama: nossos pais.

Eles desejam tudo de bom para nós.

Eles desejam nos ver um dia crescer, ser alguém, dedicar-se a uma profissão digna, constituir uma família, ser querido e, quem sabe, até mesmo admirado.

Não devemos, portanto, desejar estas vitórias por um sentimento de vaidade tola.

Devemos desejá-las, isto sim, por uma questão de direito. Direito de conquista. Direito que deveria ser sempre obtido por cada um de nós, com a condição do merecimento, já que nas grandes batalhas da vida o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer.

Sei que temos neste salão homens e mulheres; jovens e adultos de diferentes gerações; médicos e não médicos; mas todos sem exceção, tenho certeza, gostariam de ouvir uma história de amor porque esta é também a verdadeira história entre o homem e o seu trabalho.

E assim sendo, vamos falar do amor...

O Acad Walter Araujo Zin nasceu no dia 16 de junho de 1952, fruto do amor de um casal de médicos que um dia se encontrou na Escola de Medicina e Cirurgia, no Rio de Janeiro.

Dra Candida Araujo, sua mãe, especializou-se em Ginecologia e Obstetrícia, enquanto o Dr Walter Zin, seu pai, dedicou-se à Clínica Geral como legítimo médico de família, e também à Obstetrícia.

Após cumprir o ensino médio no Internato do Colégio Pedro II, tradicional educandário carioca, o jovem Walter Araujo Zin decidiu dedicar-se à Medicina, tendo sido aprovado em todos os vestibulares que prestou: para a então Faculdade Nacional de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro; para a Faculdade de Ciências Médicas da então Universidade da Guanabara (UEG); e para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro onde seus queridos pais haviam se formado. O vestibular só viria a ser unificado dois anos depois.

Tendo optado pela UFRJ ainda no primeiro ano da faculdade, o Dr Walter Araujo Zin demonstrou sua precoce vocação para o ensino ao matricular-se e ser aprovado na prova de seleção para monitores do Instituto de Biofísica, disciplina pela qual interessou-se de imediato.

Amor à primeira vista? Não. Amor à primeira aula...

Foi nos corredores do Instituto de Ciências Biomédicas da Faculdade de Medicina da UFRJ, transferida para a Cidade Universitária da Ilha do Fundão no início do ano de 1973, que eu conheci o então Walter Araujo Zin, ao decidir também me dedicar à monitoria, só que do Departamento de Anatomia.

O Acad Walter Araujo Zin graduou-se em Medicina pela UFRJ no dia 09 de dezembro de 1975, solenidade na qual foi agraciado com o "Premio Universidade Federal do Rio de Janeiro" por ter conquistado o 9o lugar na classificação geral do Curso Médico.

Eu estava presente na solenidade de formatura da turma de 75 da UFRJ. Fui até lá especialmente para cumprimentar tres queridos colegas da Monitoria de Anatomia: Adilson Sales, José Gonçalves Veloso e José Luiz Pacheco.

Esta turma (a de 75), inclui vários colegas que tornar-se-iam muito próximos ao longo de minha vida profissional, dentre os quais gostaria de citar o Acad Paulo Niemeyer Filho e agora o novel Acad Walter Araujo Zin.

Esta foi a primeira formatura em Medicina à qual eu compareci como estudante universitário, e lembro da solenidade com emoção, emoção esta que pude sentir ainda mais forte, na pele e no coração, dois anos depois na minha própria formatura (a da turma de 77 da UFRJ)...

E é esta mesma emoção, também sentida por nossos amigos, parentes e, em especial, pelos nossos pais, que muitas vezes nos fazem chorar porque, como dizem, chorar é dizer em lágrimas o que o coração por orgulho não consegue traduzir em palavras.

E se os nossos pais choram o fazem, com certeza, de alegria. Alegria por uma vitória que também foi deles, concretizada na conquista dos seus filhos, alvo de um amor eterno.

O Acad Walter Araujo Zin realizou Mestrado e Doutorado em Ciências Biológicas (Biofísica) pela UFRJ nos anos, respectivamente, de 1979 e 1984 e, em seguida, fez seu Pós-doutorado pela Universidade McGill em Montreal no Canadá, o qual completou no ano de 1989.

É Professor de Fisiologia Respiratória para alunos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro há quase quarenta anos; tendo sido classificado em primeiro lugar no ano de 1980 no Concurso para Professor Assistente da Cadeira de Fisiologia; e tornando-se Professor Titular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ no ano de 1993 (há mais de vinte anos, portanto).

Embora não tenha tido a oportunidade de acompanhar de perto a brilhante carreira do Acad Walter Araujo Zin no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ, tenho como testemunhas dois queridíssimos colegas de turma que a ele se referem com estima e admiração: a Profa Dra Rosalia Mendez Otero e o Prof Dr George Alexandre dos Reis.

No ano de 1984 o Prof Walter Araujo Zin foi o primeiro jovem cientista agraciado com o "Premio Jacques Bulcão", pelo Departamento de Fisiologia Cardiovascular e Respiratória da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Um momento de rara emoção nesta longa trajetória pela Pesquisa e pelo Ensino foi certamente quando o Prof Walter Araujo Zin foi distinguido pelos formandos de Medicina da UFRJ no ano de 1987, com a escolha para ser o Paraninfo da turma.

O registro desta homenagem foi entregue a seus pais através de uma foto acrescida de dedicatória redigida expressando, em poucas palavras, todo o seu amor e gratidão.

O Prof Walter Araujo Zin leciona há vários anos não só para alunos de Medicina mas também para alunos dos Cursos de Formação de Biocientistas, Fisioterapia e Saúde Coletiva; é Orientador de Pós-Graduação dos Cursos de Ciências Biológicas (Fisiologia) do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho e de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFRJ; além de ser colaborador em uma série de Instituições de Ensino Superior por todo o país, sempre ministrando cursos e orientando alunos, numa intensa atividade educacional

O Prof Walter Araujo Zin publicou mais de 220 trabalhos indexados que lhe renderam mais de 4250 citações, e orientou 32 Mestres e 31 Doutores. Excluindo-se suas inúmeras atividades na UFRJ, o Prof Walter Araujo Zin ministrou 65 cursos e 338 palestras, contabilizados até o ano de 2014.

O novel Acad Walter Araujo Zin é Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências desde 1998 e revisor de inúmeros periódicos dentre os quais gostaria de destacar o Brazilian Journal of Medical and Biological Research, de onde é Membro também do Corpo Editorial.

É também Sócio efetivo de várias Sociedades médicas, dentre as quais a Sociedade Brasileira de Fisiologia, da qual foi Presidente no bienio 2004/2006. O Acad Walter Araujo Zin é sócio da Sociedade Brasileira de Biofísica; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; da European Respiratory Society (onde já foi o Delegado Representante do Brasil); e também da American Physiological Society.

Atualmente o Acad Walter Araujo Zin é Professor Titular com dedicação exclusiva, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (do qual foi Diretor no período de 2001 a 2004) e Chefia o Laboratório de Fisiologia da Respiração, sediado no Centro de Ciências da Saúde, na Cidade Universitária, Ilha do Fundão.

O Prof Walter Araujo Zin é também o atual Presidente da Federação das Sociedades de Biologia Experimental desde o ano de 2011, tendo participado em mais de 250 congressos científicos no Brasil e no exterior e conquistado, dentre outros prêmios e honrarias, a Ordem Nacional do Mérito Científico, na classe Comendador.

Sua grande experiência na área de Fisiologia tem ênfase na Fisiopatologia da Respiração, e atualmente o Prof Walter Araujo Zin dedica-se principalmente a alguns temas específicos da maior importância como mecânica respiratória e poluição atmosférica.

Aliás, uma das características mais notáveis da carreira do novel Acadêmico, é o fato de que, mesmo se dedicando a uma área das Ciências básicas na Medicina, muitas vezes procurou estabelecer a aplicabilidade clínica nos seus estudos, e vários são os colegas que testemunham este fato como, por exemplo, poderiam ser citados o Acad Antonio Egidio Nardi, a Acad Patricia Rocco e o Acad Rui Haddad que com ele possuem trabalhos plenos.

O Acad Walter Araujo Zin é casado com a Dra Andrea Zin, médica, destacada especialista em Oftalmologia Pediátrica (minha querida amiga), com quem tem duas filhas: Emilia, formada em Biomedicina pela UFRJ, encontra-se atualmente cursando o Doutorado na Universidade da Califórnia em Berkeley, e estuda Terapia Genica em Doenças da Retina, no Programa de Ciências da Visão; e Olivia que encontra-se no último ano de graduação do Curso de Medicina da Fundação Técnico-Educacional Souza Marquese parece pretender seguir a mesma especialidade da mãe, Oftalmologia.

Sras e Srs, a verdadeira felicidade é muitas vezes conquistada após uma luta longa e árdua, através batalhas que são ganhas e perdidas, mas onde

nos é sempre exigido força e determinação. O importante não é vencer todos os dias, mas lutar sempre...

As pessoas vencedoras não são aquelas que nunca falham.

As pessoas vencedoras são aquelas que nunca desistem...

Às vezes, entretanto, o vencedor está tão cansado ao final da luta que a ele não é sequer permitido saborear o doce e inebriante gosto da vitória.

Na verdade, às vezes o vencedor está tão combalido ao final da luta, que pode até morrer...

Entretanto, quando nos é concedido, pela benevolência do destino e pela graça de Deus, este momento do encontro, um encontro mágico do suor do esforço com a felicidade da conquista, podemos sentir orgulho do que fizemos e, mais do que isso, nos emocionamos de verdade com a alegria incontida que brilha nos olhos daqueles que verdadeiramente nos amam.

E este, então, é um momento sublime.

O momento da glória sim, mas acima de tudo o momento da gratidão...

Sucesso, dizem por aí, é um "esporte coletivo", motivo pelo qual deveríamos sempre demonstrar gratidão a todos que colaboram com a nossa vitória.

Sorte a nossa, pois expressar gratidão é uma das maneiras mais simples e poderosas de nos fazer sentir felizes.

A denominada felicidade sustentada, aquela que realmente perdura nos nossos corações.

Tenho a mais absoluta convicção de que o Acad Walter Araujo Zin lembrou, ao final da campanha, na véspera da contagem dos votos, de quem verdadeiramente o trouxe até aqui, pelos braços: seus pais, sua querida esposa, suas filhas, seus amigos, seus preceptores, seus colegas, e até mesmo seus alunos, enfim tanta gente...

Como cada um de nós.

Que também somos feitos um pouco pelos outros, por todos aqueles que o destino gentil e generosamente, colocou ao nosso lado, e a quem devemos ser eternamente gratos.

Somos gratos sim, a cada um daqueles com quem temos a felicidade de conviver e a quem desejaríamos, verdadeiramente, ter podido conceder um pouco mais de paciência, um pouco mais de atenção, um pouco mais do nosso tempo...

A frase que diz “Uma andorinha só não faz verão” não é, ao contrário do que muitos pensam, um provérbio popular. Na verdade ela é de um livro do filósofo grego Aristóteles chamado *Ética a Nicômaco*, e que recebeu esse título por ser dedicado a seu filho, Nicômaco.

Aristóteles, na realidade, queria dizer que, para provar que o verão começou, seria necessário mais de uma andorinha em um dia quente.

Aristóteles foi discípulo de Platão, que havia sido discípulo de Sócrates e, desse modo, esses três grandes pensadores formam uma corrente.

Na vida geralmente funciona exatamente assim: nossas virtudes não costumam surgir do nada. Na maioria das vezes são os nossos professores que servem de inspiração, fato este que se soma ao nosso, digamos, talento original.

Desta forma Sras e Srs, por tudo aquilo que lhes foi dito nesta noite, compreendam que o Acad Walter Araujo Zin pode, nesse momento, olhar para os lados e ver a sua vitória construída com a ajuda de tantas pessoas que forame ainda são protagonistas da sua história de vida.

E aqueles que não puderam estar aqui nesta noite estão, certamente, sendo lembrados por ele nesse instante.

Eles encontram-se bem aí, à sua frente.

Nós não podemos ve-los, mas ele sim...

O sonho de cada sonhador pertence apenas a ele, pela coragem demonstrada em persegui-lo, e não pode ser sentido pelo outro, entretanto a sua felicidade, esta sim, esta pode ser intensamente compartilhada por quem o ama e detém a capacidade mágica de faze-lo ainda mais feliz.

Já foi dito que quando sonhamos um dia ser alguém, lutamos tanto para realizar esse sonho que podemos cansar ou morrer sem desfrutar da felicidade da conquista e portanto, compreendam, só o sonhador pode sentir a intensidade da realização do seu sonho.

Nem aqueles que o amam conseguem.

Pensam que sim, alegram-se pelo sonhador que amam, mas não conseguem.

O sonho de cada um de nós é apenas nosso.

Andamos por corredores paralelos da nossa querida Universidade Walter, em um passado que já fica distante, mas veja em que lindo e nobre lugar nós viemos nos reencontrar mais de quarenta anos depois.



Sua família se orgulha de você Acad Walter Araujo Zin. Seus amigos, colegas e alunos também.

E é com este mesmo orgulho, que a Academia Nacional de Medicina saúda V.Exia. nessa noite como seu mais novo Membro Titular, na certeza de que este momento não encerra um sonho.

O que a Academia Nacional de Medicina espera é, ao contrário, que este sonho realizado, o da conquista da Cadeira de número 100, possa dar início a mais uma jornada que irá colorir e enobrecer a sua vida e a vida daqueles a quem você tanto se dedica e a quem você tanto ama.

Esta, Sras e Srs, era a história de amor que eu gostaria de contar a cada um de vocês nesta noite.

Seja portanto, Acad Walter Araujo Zin, pelo seu amor à profissão ao longo de todos esses anos, muito bem-vindo a esta Casa, e receba os nossos aplausos como prova do nosso reconhecimento a esse amor, ao seu amor pela Medicina, a esse amor que também é o nosso amor.

Muito obrigado.

## DISCURSO DE POSSE

Walter Araujo Zin

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de Medicina,  
Acadêmico Pietro Novellino;

Excelentíssimas Autoridades que compõem a Mesa;

Excelentíssimas Senhoras Acadêmicas e Excelentíssimos Senhores  
Acadêmicos;

Ilustres autoridades que nos honram com suas presenças;

Queridos colegas, amigos e familiares;

Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Em júbilo, e mui honradamente, tomo posse como Membro Titular na Cadeira número 100, patrono Ezequiel Corrêa dos Santos, da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina da Academia Nacional de Medicina. A decisão de postular uma Cadeira neste cenáculo alinha-se à minha trajetória de vida. A busca de construir um sólido alicerce profissional, antes de aspirar à Titularidade na Academia Nacional de Medicina, sempre me refreara de executar o movimento final. Os incentivos manifestavam-se de inúmeras formas, dentre as quais o sentimento de poder proporcionar a meus pais, irmã, esposa e filhas a felicidade de partilharem esta noite conosco. Arbitrei por candidatar-me, quando da notícia da vacância da Cadeira número 100. Como uma vez disse Albert Einstein, "Tudo acontece na hora certa. Tudo acontece, exatamente quando deve acontecer".

A jornada me parecia titânica! Ser acolhido neste sodalício constitui, antes de mais nada, uma prova de humildade, não de soberba. O aspirante passa por avaliações de cunhos variados a cada instante. Para meu regozijo, as quase cem visitas acadêmicas e o convívio nos salões da Academia se fizeram por demais aprazíveis e ricos. Saboreei a magnífica circunstância de travar conhecimento pessoal com profissionais dos mais ilustres da Medicina, e com eles, dialogar, receber conselhos e ensinamentos, sempre, repito, sempre, em cordialidade extrema. Aproveito para, neste momento, agradecer, de público, a todos as Confreiras e Confrades pela atenção a mim dispensada ao longo desses nove meses transcorridos desde minha inscrição para pleitear a Cadeira, e por confiar em mim.

Em 30 de junho próximo, a Academia Nacional de Medicina completará seu 186º aniversário. Trata-se da primeira Instituição Médica, bem como a mais antiga Congregação Cultural e Científica do país, funcionando ininterruptamente. Esta vetusta e, ao mesmo tempo, bela e atraente

senhora, conheceu Dom Pedro I, o qual, em 24 de novembro de 1830, compareceu à sua instalação pública. Atravessou o período regencial, que a tornou Imperial em 21 de dezembro de 1835 nos salões do Paço Imperial, solenidade com a presença do Imperador-Menino, Dom Pedro II. Este a acariciava com frequência; compareceu às sessões aniversárias até 1889, e muito a escutava. Chegada a República, adaptou-se, mudou de nome: Academia Nacional de Medicina, e a ele apegou-se. Muito inquieta, habitou vários salões e localidades na Cidade do Rio de Janeiro, fixando-se em sua sede atual em 06 de novembro de 1958, em sessão que contou com a presença do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Minha formação médica contribui sobremaneira para desvendar novos desafios a serem enfrentados pela pesquisa, básica ou clínica, objetivando proporcionar melhor qualidade no atendimento ao paciente, aprimorar ferramentas por nós utilizadas, opinar acerca da saúde coletiva, enfim, o bem estar da Sociedade. Esta egrégia Casa, por sua tradição de excelência e destaque indubitável de seus membros, passados e presentes, incentiva a discussão constante e profícua de temática multifária, dissecada brilhantemente sob prismas de variados ângulos, permitir-me-á galgar planos mais elevados de debates científicos, o salto que me faltava, hoje findo, pois traspasso o umbral do templo máximo da Medicina Brasileira.

Com a devida vênia, gostaria de tecer algumas palavras a respeito de cinco Professores que contribuíram fundamentalmente para este momento. Vou ordená-los temporalmente. Em julho de 1970, fui aprovado na seleção para monitores do Instituto de Biofísica. A Professora Doutora Isar Hasselmann Oswaldo Cruz nos orientava prussianamente. Com ela, aprendi a transladar para a Universidade a disciplina e o senso hierárquico, trazidos de casa, bem como a precisão científica. Findo 1970, sete alunos ultrapassaram a seleção para monitores de Fisiologia. Ponto da prova: Fisiologia da Respiração. Mera coincidência ou antevisão do futuro? Não sei. Mordera a isca.

Durante 1971, os monitores de Fisiologia tiveram a honra e o prazer de desfrutar do convívio do Acadêmico Carlos Chagas Filho nas tardes-noites de segunda-feira. Dele escutamos diversas histórias interessantíssimas, como também fatos acerca da ciência. Os relatos, sempre em voz afável, porém repleta de paixão, nos inebriavam. Visitamos os primórdios do prédio da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, posto abaixo pelos iconoclastas nacionais, onde Carlos Chagas Filho se tornou Professor Catedrático de Física Biológica em 1937, aos 27 anos de idade. Dali a um ano, deu início ao magnum opus de sua vida, o Laboratório de Biofísica, inaugurando a pesquisa científica na Faculdade de Medicina. Passadas algumas páginas, em 1945 criou o Instituto de Biofísica. Essas prosas de pai carinhoso perduraram até o momento em que nos deixou.

Para completar nossa formação, assistíamos a defesas de teses e concursos. Ressalto, aqui, aquele que marcou minha carreira definitivamente. Em outubro de 1970, o Professor Doutor Ayres da Fonseca Costa prestou seu Concurso à Docência-Livre no Instituto de Ciências Biomédicas na Praia Vermelha. Em 1971, mudou-se definitivamente do Instituto de Fisiologia e Pneumologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para o Instituto de Biofísica. Sob sua batuta, montamos o Laboratório de Hemodinâmica na Praia Vermelha, e mais tarde o transferimos para o Fundão. Homem de criação refinada e incansavelmente atento à nobre arte do cavalheirismo, supervisionou minha formação até se aposentar.

Destaco a figura do Professor Doutor Joseph Milic-Emili, que me recebeu nos Meakins-Christie Laboratories, McGill University, Montreal, Canadá, em 1980, para executar os experimentos do meu Doutorado. O Professor Milic-Emili me convocava a Montreal a cada ano, para ensinar os princípios da Fisiologia Respiratória experimental para seus novos estudantes. Assim foi até 1995, quando chegou a compulsória, ele extremamente produtivo e sagaz. Continuamos a conviver pelo mundo, sempre me orientando.

Ao retornar do Canadá, o Professor Doutor György Miklós Böhm me abriu as portas da Casa de Arnaldo. Empreendedor de primeira linha, gerou campos inovadores na Faculdade de Medicina e incentivou incansavelmente minha participação na vida científica da Universidade de São Paulo. Resultaram estudos memoráveis. Homem de conhecimentos enciclopédicos, e conhecedor colossal, invejável, do bel canto, aculturou-me no desenrolar de nossa amizade.

Acerca do Patrono e dos Acadêmicos que me antecederam na Cadeira 100

Há um Patrono para cada uma das 100 Cadeiras desta egrégia Academia Nacional de Medicina. Por tradição, em seu discurso de posse, o novel Acadêmico deve homenagear o Patrono e seus antecessores na Cadeira.

O (42º) Acadêmico Ezequiel Corrêa dos Santos patrona a Cadeira ora por mim ocupada. Nascia o novo século (XIX), quando veio ao mundo, em 10 de abril de 1801, Ezequiel Corrêa dos Santos, filho de Ezequiel Antônio dos Santos e Maria Rosa de Oliveira dos Santos. Era natural da, então, Província do Rio de Janeiro, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Iguaçú, cuja sede se situava no atual bairro do Pilar, em Duque de Caxias.

Transformada a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em Academia Imperial de Medicina, e criada, então, uma Secção de Farmácia, Ezequiel

Corrêa dos Santos foi eleito e tomou posse em 15 de outubro daquele ano. Tornou-se o primeiro Presidente da Secção em 1837.

A carta régia de 2 de junho de 1819 diplomou-o boticário. Gerou centenas de produtos, a maioria fitoterápicos. Em 1833, extraiu do córtex do Pau-Pereira uma substância, que batizou como "pereirina", talvez o primeiro alcalóide isolado no país a partir de sua biodiversidade. Serviu como antimalárico até o início do século XX. A ele também se atribui a síntese do primeiro composto orgânico no Brasil, o clorofórmio, em sua oficina farmacêutica e química na Rua do Piolho (hoje Rua da Carioca).

Em 26 de julho de 1850, decreto imperial apontou-o Farmacêutico do Imperador D. Pedro II. Como uma das figuras mais proeminentes dentre os farmacêuticos, Ezequiel participou de associações de classe com voz ativa em prol da melhoria do ensino de Farmácia. Ezequiel se destacou, ainda, no combate às epidemias. Durante os surtos de febre amarela e cólera, no Rio de Janeiro, forneceu, sem qualquer ônus, medicamentos a postos de saúde, população carente, Hospitais dos Artífices e do 4o Batalhão de Artilharia.

Em conclusão, o Acadêmico José Messias do Carmo considerava o Acadêmico Ezequiel Corrêa dos Santos o pai da Farmácia brasileira e, em 29 de março de 1972, o propôs como Patrono da Cadeira de número 100 desta insigne Casa.

Ezequiel despediu-se deste mundo aos 28 dias de dezembro de 1864.

Nascido em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, o (192º) Acadêmico Francisco Antonio Giffoni formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Curso de Farmácia, em 1886. Foi eleito e tomou posse na Academia Nacional de Medicina, Secção de Farmácia, em 22 de junho de 1899, apresentando a Memória "Extratos Fluidos". Passou a Membro Honorário em 15 de setembro de 1927.

Fundou a farmácia e drogaria Francisco Giffoni & Cia, em 1903. A firma produzia fartamente preparados farmacêuticos de grande consumo no país, também encontrados na Europa. Francisco Antonio Giffoni participava da vida científica da metrópole. Em 28 de junho de 1903, sob a presidência do Acadêmico Oswaldo Gonçalves Cruz, houve um importante e acalorado debate acerca de tema momentoso: o processo de transmissão da febre amarela, no qual tomou parte.

O douto Acadêmico despediu-se definitivamente em 05 de agosto de 1934.

O (308º) Acadêmico José Benevenuto de Lima nasceu em Catolé, Ceará, em 08 de setembro de 1878, filho de Benevenuto de Barros Lima e Umbelina Egéria da Conceição Lima. Foi eleito para a Secção de Farmácia, a qual presidiu, em 24 de novembro de 1927, tomando posse em 24 de maio do

ano seguinte. Sua Memória intitulou-se: "Novo Dissolvente do Cloridrato Básico de Quinina para Solutio Hipodérmico".

Em 1904, graduou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atuou como docente da Escola de Veterinária do Exército. Participou da fundação e elaboração dos estatutos da Associação Brasileira de Farmacêuticos, fundada em 20 de janeiro de 1916. Publicou várias obras.

Fechou os olhos para este mundo em 10 de fevereiro de 1936.

Em 07 de junho de 1888, nasceu o (355º) Acadêmico Virgílio Lucas em Mar de Espanha, Minas Gerais, filho de Frederico Lucas e Generosa Lucas. Elegeu-se para a Secção de Farmácia da Academia Nacional de Medicina em 15 de outubro de 1936, sendo empossado aos 26 dias de novembro de 1938. Sua Memória versava quanto a: "Identificação dos Medicamentos Usuais".

Formou-se pelo Curso de Farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 27 de dezembro de 1913. Lecionou na Faculdade de Farmácia da Universidade do Brasil, chegando à Cátedra de Farmácia Galênica, sendo aposentado e elevado a Professor Emérito em 1955. Defendia a fitoterapia. O Acadêmico Virgílio Lucas redigiu e tornou-se seu primeiro signatário, moção pleiteando o ensino da farmacotécnica homeopática nas Faculdades de Farmácia. Escreveu vários livros e participou da comissão responsável pela elaboração da 2ª edição da Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil, publicada em 1959.

Após brilhante carreira, partiu o Acadêmico Virgílio Lucas em 9 de outubro de 1960.

O (447º) Acadêmico José Messias do Carmo chegou ao mundo em Caruaru, Pernambuco, em 31 de agosto de 1899, filho de Manoel do Carmo e Delvira Emília do Carmo. Eleito para a Academia Nacional de Medicina, Secção de Farmácia, da qual foi Presidente, em 16 de novembro de 1961, tomou posse em 31 de maio de 1962. Apresentou a Memória: "Profilaxia das Agranulocitoses Medicamentosas".

Concluiu o Curso de Farmácia na, então, Faculdade Hahnemanniana, hoje Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 1927, e tornou-se Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1930. Membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Farmacêuticos, participou da assembleia da qual nasceu a Academia Nacional de Farmácia. Ajudou a fundar também a Sociedade Brasileira de Nutrição. Tornou-se um famoso médico sanitarista, especializado em doenças infecciosas transmissíveis, e um dos pioneiros dos estudos da nutrição no Brasil. Escreveu livros. Dedicou-se ao Magistério. Atuou como docente em uma plêiade de Escolas e Faculdades.

Faleceu em 4 de fevereiro de 1981.

O (524º) Acadêmico Helion Póvoa Filho veio ao mundo em 6 de julho de 1929 na Cidade do Rio de Janeiro, filho do Acadêmico Helion de Menezes Póvoa e de Maria Nair Ferreira Póvoa. Casou-se com a advogada Maria Lucia Gallotti, com quem teve três filhos: Helion Neto (geógrafo), Luiz (médico) e Eduardo (músico). Eleito para a Academia Nacional de Medicina, Seção de Ciências Aplicadas à Medicina e Farmácia, em 13 de maio de 1982, tomou posse em 10 de agosto do mesmo ano. Sua memória intitulou-se: "Aspectos Bioquímicos do Sêmen Humano".

Criado em ambiente intelectual refinado, com memória e inteligência de extremo fulgor, Helion Póvoa Filho mostrou-se um cientista de escol. Caminhando pari passu à ciência, a arte nele disse: "presente". Tramitou pelo piano, para se deleitar na poesia. Publicou livros nesta temática. Lavrou seu magnífico discurso de posse nesta egrégia Casa sob a forma de poesia, da primeira à última letra!

Professor Titular de uma série de instituições de ensino superior do Rio de Janeiro e no exterior, recebia de seus pupilos frequentes e justas homenagens.

Fundou o Laboratório Helion Póvoa em 1958. Atuou brilhantemente na Sociedade Brasileira de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial. Foi autor de cerca de 400 trabalhos de pesquisa, sendo que 80 publicados em periódicos internacionais, e livros médicos. Por fim, devo destacar, esta Academia o honrou com todos os seus prêmios.

Perdemos o Acadêmico Helion Póvoa Filho em 10 de agosto de 2014. Agradeço à Dra Maria Lucia Gallotti Póvoa pela terna e generosa acolhida com que me brindou, quando a visitei.

Será uma grande honra sucedê-lo e a seus antecessores.

A Comissão de Acompanhamento do Acadêmico ao Salão da Posse

Protocolarmente, uma Comissão de Acadêmicos, nomeados pelo Presidente em comum acordo com o recipiendário, o acompanha ao adentrar no salão da posse. Agradeço ao Presidente Acadêmico Pietro Novellino por ouvir-me e aceitar minhas sugestões para compor a Comissão de Honra. Devo confessar a dificuldade da escolha de tão somente seis nomes dentre tantos que gentilmente me acolheram. Optei por constituir um grupo de Acadêmicos simbolizando distintas e relevantes páginas de minha vida. Homenageio brevemente cada membro dessa Comissão. Começarei pela

dama, à qual se seguirão os cavalheiros, em ordem cronológica decrescente de experiência na vida.

Acadêmica Eliete Bouskela: dividimos o mesmo orientador, Professor Doutor Ayres da Fonseca Costa, laboratório, e experimentos no período de 1973-75. Enquanto trilháveis o Mestrado, eu avançava em minha Iniciação Científica. Vossa carreira mostra-se em um crescendo contínuo, tanto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde começastes brilhante atividade docente em 1977, como em outras instituições de ensino e pesquisa mundo afora. De índole irrequieta, preocupais-vos genuinamente com a ciência, bem como com atividades administrativas na Universidade e em vários outros órgãos governamentais. Muito obrigado, Acadêmica Eliete Bouskela.

Decano da Comissão, Acadêmico Sérgio Augusto Pereira Novis, me examinastes oralmente ao término do Curso de Neurologia. Admirava vossa precisão ao longo da anamnese e do exame físico dos pacientes, caminhando até o diagnóstico. Por vossa causa cogitei seriamente tornar-me neurologista. Nossos caminhos se cruzaram a partir de então, em Conselhos, Comissões e afazeres administrativos de nossa universidade. Vossas decisões baseavam-se solidamente na análise detalhada dos dados, reforçadas naturalmente com porte e verve raros. Sabeis, também, demonstrar humor refinado. Muito obrigado, Acadêmico Sérgio Novis.

Acadêmico Marcello André Barcinski, implantastes e desenvolvestes a Imunologia no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho. Representais um de meus exemplos de cientista "de casa". Deixastes uma série de competentes discípulos, não somente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas também na Universidade de São Paulo. Cedido por esta ao Ministério da Saúde, criastes, no Instituto Nacional de Câncer, a Divisão de Medicina Experimental e a Pós-Graduação em Oncologia. Atualmente, como Especialista Visitante no Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Incansável. Muito obrigado, Acadêmico Marcello Barcinski.

Acadêmico Carlos Alberto Barros Franco, uma das figuras mais conceituadas de nossa Pneumologia, me destes o prazer do convívio no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, trafegando pelas vias do pulmão. Nossos caminhos por lá se tocaram amiúde, sempre demonstrando Vossa Excelência firmeza nos diagnósticos, conduta e ética impecáveis. Companheiro assíduo e quisto nos congressos nacionais e internacionais tendo o pulmão como órgão de fundo. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fundastes, no ano de 1981, a Clínica Barros Franco, da qual sois Diretor Médico. Deixastes seguidores e admiradores por onde passastes. Muito obrigado, Acadêmico Carlos Alberto Barros Franco.



Acadêmico Oswaldo Moura Brasil, laborioso e perseverante conselheiro para que me apresentasse como candidato à Academia, me destes a notícia, de além-mar, da vacância da Cadeira no. 100. Admirável clínico e cirurgião oftalmológico elegante, de mão firme, constituís um pilar de nossa Oftalmologia. Sócio-diretor do Instituto Brasileiro de Oftalmologia, respondeis pelo Setor de Retina e Vítreo. Também sois fundador, vice-presidente e cirurgião do Instituto Catarata Infantil, uma associação sem fins lucrativos, que proporciona tratamento clínico-cirúrgico gratuito a crianças portadoras de catarata congênita, cumprindo um relevante papel social. Desde sua fundação, mais de 300 crianças receberam tratamento cirúrgico. Muito obrigado Acadêmico Oswaldo Moura Brasil.

O Acadêmico Antonio Egidio Nardi e eu desfrutamos do mesmo orientador científico de primeira hora. Nossos caminhos se superpuseram durante alguns anos por lá, Vossa Excelência chegando e eu me preparando para executar a parte experimental de meu doutorado no exterior. Voltamos a nos aproximar mais adiante, no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, porquanto vós astuta e sabiamente vislumbrastes uma associação entre Transtorno do Pânico e Respiração. Desse binômio conseguistes extrair um número robusto de publicações relevantes, das quais pude colaborar prazerosamente em mais de cinquenta. Transmitistes ao Instituto de Psiquiatria um pulsar próprio todo vosso, resultante, quem sabe, do sangue daqueles oriundos do Sul da Itália. Muito obrigado, Acadêmico Antonio Egidio Nardi.

O Acadêmico Ricardo José Lopes da Cruz

Deve o novel Acadêmico homenagear o orador que o saúda em nome da Academia nesta cerimônia.

Acadêmico Ricardo José Lopes da Cruz, encetamos nossas trajetórias quase simultaneamente por caminhos paralelos, e deveras semelhantes: monitores de cadeiras básicas. Vossa Excelência da Anatomia e eu da Fisiologia. Ambos por um lustro, até nossas formaturas. Habitamos corredores vizinhos do mesmo teto por alguns anos e quis a vida que nos encontrássemos aqui, em nossa Academia. A partir do final do Curso Médico, o paralelismo evanesceu, perseguimos nossas tendências. Todavia, algo ainda nos unia, embora àquele tempo não o soubéssemos: a busca incansável pela obra bem realizada, o caminho reto, as ações precisas. O vosso escopo de atuação almeja reparar, nos mínimos detalhes e com precisão e arte, a alma sofrida do ser humano marcado pelas inclemências da vida. O meu exige o mesmo rigor no desenho de um projeto de pesquisa, na execução do protocolo experimental, na interpretação dos

dados. Não nos permitimos malbaratar tempo nem diligência para executar nossos desígnios, a precisão impera e exige mais e mais de nós, aliada ao conhecimento científico alucinantemente crescente, produto da evolução malthusiana do mundo digital. Filosoficamente, nossos objetivos se fazem idênticos, assim como os meios para atingi-los. Divergimos nas ferramentas utilizadas, tão somente.

Vossas ações e postura na Academia não me escapam. Por todos querido, atuais muitas vezes em plano aparentemente secundário, para que a Casa se sobressaia, se fortaleça, se engrandeça. Ao invés de fulgurar sob o holofote, transferi-lo para o coletivo. A vossa identidade se mescla à da Academia, para honra e glória de confrades e confrades. Tenciono expressar esse mesmo desprendimento neste sodalício. Agradeço de forma muito especial a Vossa Excelência, Acadêmico Ricardo José Lopes da Cruz.

Acadêmico Pietro Novellino, mui digníssimo Presidente da Academia Nacional de Medicina, sob cuja gestão fui eleito, apresento-vos meu mais profundo apreço e fundada admiração. Como cirurgião de bisturi preciso, engrandeceis vossa origem vizinha a Salerno, Itália, onde, durante o século X, reuniu-se uma comunidade de médicos, professores, estudantes e tradutores, com a finalidade de criar a primeira faculdade de medicina do Ocidente. Esta escola fez-se a mais prestigiosa durante a época medieval europeia. Como Presidente, sempre me acolhestes com simpatia e proficiência singulares em vosso gabinete, dirigindo-me pelos, para mim então, desconhecidos caminhos da Academia Nacional de Medicina. Nossos inexoravelmente agradáveis diálogos, Vossa Excelência os pautou sob rígida isenção de opinião, uma neutralidade absoluta. Parafraseando Tácito, um líder pelo exemplo e não pelo poder. Por fim, devo agradecer a Vossa Excelência por ter acatado minha sugestão do nome do Acadêmico Ricardo José Lopes da Cruz para me receber neste momento.

## A minha família

Julgo oportuno e justo, neste instante, dividir com todos, pérolas de minha família. "A verdadeira felicidade está em casa, entre as alegrias da família", segundo Leon Tolstoi. Exatamente neste contexto percorri, da infância até a vida de hoje, os caminhos lá de casa. Meu avô materno, Guilherme, de feitio tranquilo e prático, não poupava esforços: quando menino, uma vez entramos no cinema às 14 horas e de lá saímos às 21, a família desesperada, ele repousado de tantas sonecas e eu regalado por três sessões e meia de filme. Minha avó Zulmira, menos brincalhona, mas de enorme coração, seguia-me de bem perto, na vã tentativa de evitar minhas traquinagens. Vieram de Portugal, Marzagão, Concelho de Carraceda de

Ansiões, para vencer no comércio do Rio de Janeiro. Meus avós paternos, filhos de pais natos vizinhos a Aquiléia, Região de Friuli-Venezia-Giulia, Itália, camponeses no interior de São Paulo, juntaram-se a nós bem mais tarde, infelizmente, por razões de cunho médico para ele, Fioravanti. Este, sim, zangado, inflexível! Somente admitia o cafezinho em uma temperatura, nem mais, nem menos. Minha avó Emilia me fez observar as vantagens da paciência e da candura. Como diríamos em termos de hoje, "uma fofa"!

Meus avós geraram filhos médicos, que se conheceram nos bancos da atual Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e concluíram o curso em 1947. Abraçaram a Obstetrícia como especialidade cardinal. Candida também servia à Ginecologia e Walter à Clínica Geral. Com imenso carinho e entrega incontestes, souberam guiar a mim e à minha irmã, Lis, pelas vias da honestidade, sinceridade e dedicação aos estudos e à família. São pais fantásticos. Em casa, a Medicina ressoava, quase diuturnamente, e acolhemo-na. Lis, formada em 1978 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, freqüentou a Cirurgia Plástica e a Ortopedia, e em 1980, partiu para Los Angeles, a fim de se especializar em Microcirurgia de mão, e não mais voltou. Estabeleceu-se na Califórnia. Para minha sorte, resisti aos encantos da McGill University e retornei do Canadá em 1982.

Disse sorte, porque daí a três anos me surgiu Andrea, arrebatou-me, e se tornou a mulher de minha vida, companheira sempre presente, amiga suprema do contentamento mais doce ao percalço bruto, a quilha, o mastro e o leme de nosso barco. Devo a ela a atracação segura em vários portos. Enveredou pela Oftalmologia antes mesmo de findo o Curso Médico na UFRJ e dedicou-se mais à frente à Oftalmologia Pediátrica. Assustou-se, quase irreparavelmente, ao se deparar com uma estante de livros infantis que eu montara para as crianças, ainda não chegadas. Nas casas em que habitei desde minha infância, aos livros dedicávamos espaços amplos e carinho especial. Como poderia ser diferente meu comportamento com os filhos desejados? Recuperou-se do abalo e nos deu Emilia e Olivia. A primeira, Biomédica, cursa o Doutorado em Berkeley, e a segunda a terminar o Curso Médico. Duas meninas meigas e afetuosas, a quem anedoticamente e amiúde declaro me encontrar em estado de "carência de filhas", devido aos seus afazeres estudantis e da maturidade, que naturalmente as afastam de nós. Cito Goethe: "Os dois maiores presentes que podemos dar aos filhos são raízes e asas". Elas possuem ambas.

A essa família preciosa dedico ex corde esta noite e tudo por ela simbolizado.

A Medicina

Reza a tradição que o Acadêmico discorra acerca de algum tópico da Medicina ao encerrar seu discurso. Passo a cuidar de assunto decantado ao extremo, porém pouco compreendido, e abordado, na maioria das vezes, de forma açodada, com tratamento puramente calcado em retórica política, ou, pior, sem conhecimento de causa.

Às páginas tantas de nosso mundo não encontrávamos regulamentação quanto ao uso de fontes poluidoras, nível máximo de poluentes permitido para não provocar lesões, controle ambiental, conhecimento médico acerca da etiopatogenia das afecções, tratamento das consequências das exposições e, até mesmo se determinado composto comprometia, ou não, a saúde. Assaz timidamente avançamos, triste conclusão. Hoje nos encontramos, grosso modo, em tempos pitecantrópicos.

A fim de evitar extensão desnecessária destes poucos parágrafos, limitar-me-ei aos poluentes aéreos. Conhecemos melhor os desfechos de exposição ao material particulado de origem mineral em suspensão no ar, mesmo assim, suas repercussões pulmonares. As sistêmicas ainda se fazem fugidias, pelo mais das vezes. Refiro-me às pneumoconioses (do grego conion, poeira). Dentre elas, encontram-se: silicose, asbestose, talcolse, beriliose, e pneumopatias por metais duros. Os gases, ozônio, dióxidos de nitrogênio e enxofre, monóxido de carbono, hidrocarbonetos policíclicos aromáticos, gases utilizados como armas químicas, dentre outros, constituem uma enorme família a considerar. Há as poeiras orgânicas contendo proteínas de penas, pelos e fezes de animais, por exemplo. Juntem-se a esses as próprias bactérias e fungos, outro amplo universo. E os agentes radio-ativos? Também podemos inspirar uma série deles!

Neste ponto devo apresentar, a título de exemplos, fatos hodiernos indesejáveis e quase despercebidos. Poucos sabem que os pneumáticos apresentam-se negros porque a fuligem, também conhecida por negro de fumo ou negro de carbono, obtida pela queima incompleta de compostos orgânicos, constitui 25 a 30% da borracha. A fuligem, e seus compostos, encontram-se em suspensão em todo o mundo, pois os pneumáticos se gastam ao rodar sobre o asfalto. Este, por seu turno, libera produtos com sílica e outros materiais particulados. Uma associação perfeita! Resta aquele pozinho escuro nos móveis e dentro dos pulmões, uma antracose, na melhor das hipóteses. Todavia, nem tudo está perdido: a indústria propõe um pneumático "verde", "ecológico". Como? Qual a mágica? Desenvolveram novos compostos, substituindo boa parte do negro de fumo por uma outra substância com vantagens, tais como menor resistência ao rolamento, desgaste e consumo de combustível e maior aderência em pista molhada. Quem substitui o negro de fumo? A "ecológica" sílica! Considerando-se que cerca de 11% das partículas em suspensão nas ruas de Londres originam-se

de pneus, hic et nunc os desfechos no ser humano clamam por estudos científicos amplos, numerosos e concludentes.

Como segundo e último exemplo, cito o uso de óleo diesel em motores a combustão. O óleo diesel resulta de uma mistura de hidrocarbonetos oriundos da quebra de moléculas maiores do petróleo. Teoricamente sua combustão produz somente dióxido de carbono e água. As emissões incluem, também, poluentes potencialmente tóxicos para os seres humanos ou causadores de efeitos negativos ao meio ambiente. Os padrões de alguns destes já dispõem de regulamentação específica. O Brasil, em geral, se alinha com as normas da União Europeia. Todavia, andamos perenemente a reboque do Velho Mundo, anos e anos nos apartam.

Existe, ainda, uma diversidade de poluentes não regulamentados clara ou universalmente, encontrados junto aos gases de escape, dentre os quais destacaria o dióxido de enxofre, que pode se oxidar a trióxido de enxofre, precursor este do ácido sulfúrico. A concentração de dióxido de enxofre no gás de escapamento é diretamente proporcional ao teor deste elemento presente no óleo diesel. Assim, nossa Agência Nacional do Petróleo estabeleceu que, a partir de 1º de janeiro de 2014, deveriam ser comercializados no país apenas o óleo diesel/biodiesel contendo 10 ("Diesel S10/Biodiesel B S10) ou 500 ("Diesel S500/ Biodiesel B S500") mg de enxofre por quilo de óleo. Em países da União Europeia ocidental, todo o diesel comercializado obedece a concentração máxima de 10 mg de enxofre por quilograma de óleo. Nos Estados Unidos, atualmente, o padrão é de 15 mg/kg! Tecnicamente, o atraso nos assola! O coup de grâces chega com a avaliação, pela International Agency for Research on Cancer, parte da Organização Mundial da Saúde, do potencial carcinogênico da exaustão de motores a combustão queimando óleo diesel ou gasolina. Os resultados vieram à luz na monografia número 105 da agência, de 2014, e, em forma resumida, no conceituadíssimo periódico The Lancet, volume 13, páginas 663 e 664, de 2012. Veredito: considera-se carcinogênica para seres humanos a exaustão dos motores a óleo diesel e possivelmente carcinogênica a da gasolina. Prefeitos de importantes capitais europeias declararam, no final de 2014, que banirão progressivamente os motores a diesel em suas cidades. Fabricantes franceses de carros seguem a mesma via. Qual a posição do Brasil? Ainda permitimos o diesel 500 e aceitamos uma frota comercial obsoleta.

Estudos epidemiológicos contribuíram sobremaneira para o desvendar parcial dos mistérios envolvidos com a poluição ambiental. Abordando a morbi-mortalidade aguda, nota-se seu aumento e sua queda com variações similares da poluição aérea. Esta mostra-se associada com elevação no número de infartos do miocárdio e encefálicos, maior incidência de pneumonia em crianças e idosos, o paciente asmático recorre com mais frequência aos medicamentos. A Medicina também demonstrou o

decaimento da expectativa de vida com a exposição em longo prazo a material particulado em suspensão. Observe-se: cerca de 8 a 10% dos tumores malignos de pulmão encontram-se ligados à poluição do ar. Em centros urbanos, as gestantes geram mais frequentemente recém-natos com baixo peso ao nascer.

Todos nos encontramos expostos à poluição aérea. Anualmente, aproximadamente sete milhões de pessoas vem a óbito no mundo por causas ligadas à baixa qualidade do ar inspirado. Situa-se no grupo das dez causas de morte mais prevalentes no planeta. Por conseguinte, trata-se de res publica. Todavia, constitui temática que a Medicina, por si só, não consegue resolver: nem prevenir, nem curar. Desponta um objeto de abordagem multidisciplinar, a ser combatido pelo diálogo consciente e perene entre, por exemplo, planejamento urbano, tecnologia de veículos, motores e combustíveis, agricultura com seus defensivos e adubos, meteorologia, materiais empregados nas mais diversas modalidades de indústria e comércio, e os três poderes da nação.

O paradigma mudou. As chaminés da revolução industrial, com seus fumos densos, transmutaram-se em escapamentos veiculares, aos bilhões. Potenciados pela estagnação quase catatônica do tráfego, provocam exposições ainda mais prolongadas. O modelo exige ser enxergado com o olhar do momento, o olhar do médico envolvido em difíceis pugnas pela saúde do coletivo, desejando envolver-se na interdisciplinaridade da complexa vida urbana hodierna.

Com os diversos saberes desta colenda Academia, estamos amplamente habilitados a contribuir para esta causa, e dela não podemos nos furtar. Encerro, citando o grande estadista Winston Churchill: "Vivemos com o que recebemos, mas marcamos a vida com o que damos."

Muito obrigado.

## DISCURSO DO PRESIDENTE

Acadêmico Pietro Novellino

Ao assumir a Cátedra de Física Biológica na Universidade do Brasil, em novembro de 1937, algumas questões importantes se impunham para Carlos Chagas Filho, relativas à sua visão estratégica sobre a institucionalização da pesquisa em Ciências Básicas na Universidade, e que norteariam sua intenção de implantar um novo e amplo programa de pesquisa.

A grande modificação institucional viria ao final de 1945, com a elevação do status do Laboratório da Cátedra de Física Biológica em "Instituto de Biofísica", com a missão de abrigar pesquisa motivada por curiosidade intelectual, dirigida aos fundamentos da Ciência Biomédica e especializando-se, inicialmente, em aplicar métodos físicos à pesquisa biológica.

No âmbito do ensino, assumiu a responsabilidade pelas Disciplinas Clássicas de Biofísica, Fisiologia e Parasitologia.

De acordo com Machado de Assis: "A saudade é o passar e o repassar das memórias", e, assim, relembro com saudade as aulas práticas ministradas por Darcy de Almeida aos alunos do 1º e 2º anos do Curso de Medicina da Praia Vermelha, ressaltando os potenciais elétricos do peixe "Electrophoruselectricus" – o Poraquê, permitindo ainda segundo o saudoso Mestre que se ampliasse o campo para investigação Biofísica, além de servir de treinamento para técnicos experimentais e também representar em si a valorização de um tema de ecologia nacional.

Significativo número de nossos pares atravessaram o pórtico desta Casa provenientes do "Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho", onde perfilavam e perfilam figuras das mais insignes da medicina do nosso País e entre elas Walter Araujo Zin, que hoje acolhemos como Membro Titular, sendo entronizado na Cadeira de número 100.

Pelo primoroso relato de sua trajetória feito pelo nosso Confrade Ricardo Cruz e que reflete a odisséia consagradora de sua vida, conclui-se que nosso recipiendário, abraçando em tempo integral o magistério superior, deu e continua dando vasta contribuição ao campo da pesquisa e do ensino, sendo sempre suas preocupações o aprimoramento e a atualização constantes, não só no Brasil, mas também no Exterior.

Nunca lhe faltou liderança, pois como afirma Pierre Weill: "Se o professor não for um líder dos seus alunos e estes não o seguirem como Mestre, terá

ele perdido metade do seu trabalho". Permito-me acrescentar que nos dias atuais não se concebe um professor que não tenha visão de gestor.

Acadêmico Walter Araujo Zin

Vossa Excelência afirma em seu substancial memorial, que a família é o cerne do seu ser, podendo deduzir-se que Vossa Excelência nutriu-se e continua a se nutrir da rica seiva de seus familiares, que lhe dão vida e força. Neste momento, devo prestar merecida homenagem a seus queridíssimos pais, nossos colegas, Dr. Walter Zin e Dra. Candida Augusta Araujo Zin, e à sua amada esposa e companheira inseparável, Dra. Andrea, a qual, como competente oftalmologista, avistou de longe o amor, pois este, no dizer do nosso ilustre Confrade Acadêmico Ivo Pitanguy: "É a estrela desenhada no firmamento que pode ser avistada de qualquer parte".

A seus pais e a sua esposa dedico o pensamento de Jean Paul Sartre assim expresso: "Na vida quem planta, quem semeia, engravida a terra, e quem engravida a terra tem o direito de ver nascer uma árvore frondosa que dê sombra e frutos".

Minhas Senhoras e meus Senhores

A rapidez do avanço da Ciência e da Técnica, tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo, determinou grande aceleração da história e sem dúvida, no que tange à pesquisa médica, nosso novel Acadêmico deu e continua dando inestimável contribuição, sendo referido como um ícone da Fisiologia da Respiração, distinguindo-se sobremaneira de seus pares. Portanto, Acadêmico Walter Araujo Zin, Vossa Excelência sempre teve e continua tendo aspiração ao saber, e agora, com seu indiscutível valor, vem se juntar a nós.

Sede bem-vindo à nossa Academia, definida pelo saudoso Acadêmico Dagmar Chaves, como templo da Ciência, da Cultura e da Sabedoria. Continuemos agora juntos educando, pesquisando, interagindo com a Sociedade, dando testemunho de nossos ideais e nossas esperanças, lembrando que nenhuma Instituição vive apenas de glórias e que só se mostra bem quando prestigiada e impulsionada pela totalidade dos elementos que a formam, pois se não houver ação de nada adianta ser incomum.

A Academia Nacional de Medicina deve ser preservada como órgão respeitado e atuante, preservando sua identidade, suas tradições e sua independência, devendo estar, porém, sempre atenta às mudanças da dinâmica dos tempos.

Que Vossa Excelência possa contribuir para o engrandecimento permanente da nossa Casa, que agora também é sua, pois, daqui em diante, seus êxitos e suas glórias serão os da Academia Nacional de Medicina.